

1º Brazilian Fighter Squadron

A coletividade de suas memórias

*Andréia Elizabeth Bohn Lüder**

Introdução

Neste estudo, busca-se examinar a relação entre história e memória coletiva, partindo dos livros escritos pelos pilotos do 1º Grupo de Caça da Força Aérea Brasileira (FAB). Essas obras possuem como elemento em comum os relatos das experiências durante a Segunda Guerra Mundial. São elas: *Missão de Guerra* (1958), do Ten Cel Av Luiz Fernando Perdigão; *Missão 60* (1971), de Fernando Pereyron Mocellin; *Senta a Pua!* (1980), do Cel Av Rui Moreira Lima e *Overnight Tapachula* (1985), do 2º Ten Av Alberto Martins Torres. O objetivo é analisar as obras e a construção de sua estrutura memorial, que aqui delimitarei da seguinte forma: 1º momento individual e 2º momento coletivo.

As memórias coletivas são construídas por diversas lembranças autênticas, de acordo com o conceito de Maurice Halbwachs (1950). Ou seja, o meio social em que as lembranças teriam sido criadas as sustenta por meio dos diversos testemunhos equivalentes. Essas lembranças passam a ser

memórias possuidoras de uma significação simbólica pertinente ao sentimento de construção identitária e de pertencimento a um grupo; desse modo é possível configurá-la como um lugar de memória, e os livros que a registram, como documento-monumento.

Os autores dos livros analisados foram pilotos do 1º Grupo de Aviação de Caça (1ºGAvCa) da Força Aérea Brasileira e alistaram-se como voluntários atuando como pilotos de combate, voando nos intrépidos P-47 Thunderbolt; o palco de operações desses pilotos foram os céus da Itália entre os anos de 1944 a 1945.

Luiz Fernando Perdigão nasceu em 24.12.1922, na cidade do Rio de Janeiro, no Rio de Janeiro. Ingressou na carreira militar e escolheu como arma a aviação do exército, alistou-se como voluntário para ir à Itália e lutar pelo seu país. No 1ºGAvCa foi piloto de combate e fez parte da Esquadilha Verde, realizando um total de 77 missões. Ao retornar ao Brasil, continuou como piloto da FAB.

* Subten Cav do Exército Brasileiro, graduado em História (Faculdades Simonsen/05), mestre em História (UNIVERSO/18), membro do IGHMB, membro da AHMITB, pesquisador associado do CEPHiMEX. Atualmente, é pesquisador e historiador do Arquivo Histórico do Exército Brasileiro.

Fernando Pereyron Mocellin nasceu em 20.06.1922, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Proveniente de instrução civil dos aeroclubes de Santa Maria e do Paraná, Mocellin se alistou como voluntário, indo para a Itália em 1944. Foi piloto de combate e pertenceu à Esquadilha Vermelha, realizando um total de 59 missões pela FAB. Ao retornar, deu baixa de seu serviço militar.

Alberto Martins Torres nasceu nos Estados Unidos, na cidade de Norfolk, do estado da Virgínia em 10.12.1919. Filho de pai diplomata, ingressou na carreira militar escolhendo a arma aviação do exército. Atuou nas operações aéreas de defesa do litoral brasileiro durante os ataques dos submarinos alemães aos navios brasileiros, alistou-se como voluntário e atuou na Esquadilha Vermelha do 1ºGAvCa, realizando um total de 99 missões.

Rui Moreira Lima nasceu em 12.06.1919, na cidade de Colinas, no estado do Maranhão. Ingressou na carreira militar e escolheu como arma a aviação do exército, alistou-se como voluntário e foi piloto de combate da Esquadilha Verde, realizando um total de 94 missões. Ao retornar ao Brasil, continuou na FAB e foi comandante da Base Aérea de Santa Cruz, entre 14.08.1962 e 02.04.1964, quando foi cassado.

As obras

O primeiro livro a ser analisado é o do Ten Cel Av Luiz Fernando Perdigão, o Missão de Guerra (1958); o segundo li-

vro a ser escrito. O seu primeiro livro foi Avestruzes no Céu da Itália, publicado em 1945. Ambos os livros possuem fotos da atuação da FAB na Itália.

Missão de Guerra é dividido em 17 capítulos, e seu primeiro capítulo, A Guerra da Praia, se inicia no ano de 1942, já na declaração de Guerra do Brasil ao Eixo, nos dando um breve histórico da FAB e sua campanha antissubmarino. No capítulo seguinte, temos o Adeus a Pátria, e nele o ano de 1943 com a criação do voluntariado para um grupo de caça para lutar contra o nazismo, em defesa da pátria ameaçada. Mas, para isso, havia o treinamento com os estadunidenses no Panamá e depois nos Estados Unidos e, por fim, a ida à Itália que é retratada nos capítulos subsequentes: Uma bandeira que vai à guerra, A dois passos de New York e Rumo ao desconhecido.

A partir do capítulo sexto ao capítulo décimo quarto, teremos a chegada dos pilotos a Tarquínea na Itália: os desafios do acampamento; do início das operações; a história, mesmo que de um modo breve, do símbolo do avestruz pintado nas aeronaves P-47. Um período de alegria, mas também de tristeza devido à morte de alguns colegas em operações de guerra e em um infortúnio durante a filmagem de uma exibição aérea aos correspondentes de guerra. Temos agora uma sequência de operações, as histórias de Perdigão e de seus companheiros.

No décimo quinto, Fugindo ao Inferno, teremos a primeira aparição dos relatos dos pilotos brasileiros que, abatidos, conseguiram refúgio junto aos “partisanos” e

daqueles que foram feitos prisioneiros dos alemães.

Nos dois últimos capítulos, temos o retorno dos pilotos brasileiros à pátria e o canto de louvor a aqueles homens que tanto lutaram e deram as suas vidas à pátria brasileira, e a relação desses homens, que, com seus aviões, se transmutam em uma máquina completa.

A construção da narrativa do livro de *Perdigão* é pautada primeiramente na história da FAB e, na sequência, na dos pilotos do 1ºGAvCa. As memórias são apresentadas para a construção de um coletivo, as suas memórias individuais somente corroboram com a construção de uma memória geral.

O segundo livro é o *Missão 60* (1971), do Fernando Pereyron Mocellin, nascido da necessidade de seu autor escrever sobre os acontecimentos da guerra; como ele mesmo denomina, não é um livro de guerra, mas sim de um homem que foi à guerra. A obra é dividida em 23 capítulos, nominados de A a W; os três primeiros retratam a história de um piloto civil que luta para ingressar na FAB e que vê no voluntariado a oportunidade de ingressar no mundo da aviação.

Teremos, nos próximos vinte capítulos, uma escrita pessoal contando de suas experiências, medo e esperanças para com o seu futuro e de seus colegas durante o período de treinamento no Panamá, nos Estados Unidos e a partida para a Itália. Dos capítulos D ao L, teremos nove capítulos voltados para as lembranças de seu processo de treinamento nos Panamá e Esta-

dos Unidos. Abro um parêntese especial ao capítulo N, que trata tão somente do símbolo do grupo, o avestruz, e de seu grito “Senta a Pua!”. Os capítulos subsequentes tratarão sobre a sua vivência como piloto e suas histórias de amor, como também os feitos de seus colegas de farda.

Mocellin é o narrador que se faz presente na história que está sendo contada, e por isso ela possui dois momentos: o primeiro momento é o das suas lembranças individuais de sua vida em Santa Maria, no Rio Grande do Sul e posteriormente no Aeroclube do Paraná, em Curitiba. Já o segundo são as lembranças com os outros, que só passa a ser relevante para a narrativa a partir do momento da confirmação de sua convocação e participação como piloto de combate. Um fato interessante em sua obra é a presença de referências bibliográficas e entre as obras citadas está o *Missão de Guerra de Perdigão*.

O terceiro livro é o *Senta a Pua!* (1980), do Cel Av Rui Moreira Lima, que, do mesmo modo do *Missão de Guerra*, é voltado especificamente para o histórico da FAB e sua atuação na guerra europeia. Composto por 11 capítulos todos tratam da vida do grupo de caça de forma muito mais minuciosa do que foi apresentado nos dois livros anteriores. Moreira Lima deixa claro aos leitores que foi em busca das lembranças de seus colegas para não confiar tão somente em sua memória individual dos fatos; apoiando-se também nas duas obras anteriormente descritas, elas lhe servem como apontamentos e como fios condutores da construção de sua narrativa.

Os quatro primeiros capítulos tratam especificamente da FAB e das questões com o 350th Fighter Group; da relação dos pilotos brasileiros com os seus P-47 Thunderbolt; e das curiosidades do 1º Grupo de Caça de modo geral e é nessa parte que temos um histórico do símbolo do Senta a Pua! e dos encontros entre a FAB e a Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Itália.

Nos capítulos seguintes, teremos os relatos mais ricos de detalhes contados por Moreira Lima. A sua escrita deixa claro que ele passa a ser o intermediador entre aqueles que leem história e aqueles que a estão contando. Mesmo que ele tenha estado presente em diversos acontecimentos, há a busca para que aqueles que foram os autores dos feitos contem a história. Desse modo, Moreira Lima nos traz o sentido de veracidade dos fatos relatados, pois o que antes era presente na oralidade agora está escrito; os testemunhos dos acontecimentos fazem parte do rol dos documentos.¹

Do mesmo modo que no livro de Perdigão, não há o primeiro momento de um núcleo de sua história individual. Existe a necessidade de contar a história da atuação desses pilotos de caça de um modo amplo e em uma riqueza de detalhes que se faz sentida em consequência de suas 500 páginas. Em consequência da grandiosidade dessa obra, é possível ver nela uma espécie de bíblia daqueles que buscam iniciar os seus estudos sobre a atuação da FAB e do 1ºGAvCa na Itália.

E, por fim, temos o livro do 2º Ten Av Alberto Martins Torres, Overnight Tappachula (1985), que, diferentemente dos

três primeiros livros, traz uma profusão de informações de sua vida antes, durante e após a guerra. Podemos separar os trinta capítulos em três períodos: um primeiro, composto por doze capítulos anteriores a ida à Itália; segundo, com dez capítulos envolvendo as histórias dos pilotos e suas atuações na Guerra e, por fim, oito capítulos relatando o retorno ao Brasil e homenagens aos companheiros.

É de Torres que temos a divisão do ato de voar em três fases:² a heroica, a romântica e a profissional. E, na visão do autor, é na fase romântica que ele e o primeiro grupo de caça atuaram e também se inserem as histórias contadas em seu livro.

Nas próprias palavras do autor, a sua obra

guarda bastante fidelidade histórica, sem pretender ser um trabalho de fôlego, mas apenas pinceladas retratando algumas facetas de uma atividade em determinada época.³

Sendo assim, temos uma obra que não busca se aprofundar nos acontecimentos, tal qual o livro de Moreira Lima; sua intenção não é somente falar do 1ºGAvCa, mas também de sua própria história de vida.

Nos livros do Mocellin e de Torres, temos dois momentos em que as lembranças individuais pouco remetem ao período da guerra, mas sim a um período anterior à guerra. E o segundo momento, formado com auxílios da coletividade, neste caso seus colegas de farda. Já nos livros Missão de Guerra e Senta a Pua!, temos só o segundo momento, o das lembranças coleti-

vas para construir um todo, pois mesmo aquelas que se apresentam como relatos individuais são interessantes, ao acrescentarem detalhes nas lembranças do coletivo.

Sobre a memória

É necessário certo receio ao falarmos de memória, pois ela se apresenta pouco confiável em consequência de ela se apresentar como um recurso de um fato passado do qual afirmamos ter capacidade de nos lembrar. E, para discorrer sobre a produção de nossas memórias, recorro ao filósofo francês Paul Ricoeur, que analisa de modo amplo as relações de história e memória em sua obra: *A memória, a história e o esquecimento* (2007).

Ricoeur me serve principalmente para a construção da análise de que maneira as memórias podem ser construídas, primeiramente no nível individual e posteriormente no coletivo. Em relação à construção da memória individual, utilizo a do filósofo alemão Edmund Husserl, na qual o sujeito passa a construir as suas memórias interiores por meio de suas relações com o objeto vivido; deste modo, a consciência sobre esse tempo (lembrança vivida) é declarada íntima.⁴

De modo simplificado, podemos constituir nos livros do Mocellin e de Torres a questão de uma memória interior na primeira fase de seus livros, já que os testemunhos que eles trazem são tão somente de suas histórias pessoais. E aqui utilizo testemunhos do mesmo modo que Ricoeur o apresenta, ou seja, uma estrutura fundamental de tran-

sição entre a memória e a história.

As construções de memória coletiva dentro dos conceitos de Husserl se apresentam como a comunitarização da experiência. Assim, de acordo com o seu postulado, apenas se pode ter acesso à constituição absoluta de fluxo correlativamente com a constituição de algo que dura. As lembranças, ou fases, como o autor chama, passam a construir um fluxo de memória denso a partir da comunitarização dessas lembranças.⁵

Mas é com o sociólogo francês Maurice Halbwachs que teremos um olhar para o exterior, ou seja, para as memórias de cunho coletivo se apoiando na necessidade de um meio social para a criação e manutenção das memórias compartilhadas; a partir desse momento, nos surge o conceito de memória autêntica. De acordo com Halbwachs, ela provaria a sua validade por estar atrelada a um local social que comprovaria a sua veracidade como um acontecimento.⁶ Assim, as lembranças seriam formadas por testemunhos, que, em seu papel de lembrar, permite reconstruir todo o conjunto de acontecimentos em uma determinada especificidade para um nós que não vivenciou esses fatos.

Ao tratar da questão da construção de uma memória coletiva dos livros, temos, logo no início, um local social que é o fato de serem pilotos, na sequência pertencerem ao 1ºGAvCa e atuarem na guerra europeia, as experiências vividas constroem um sentimento de identidade e pertencimento a aquele momento e ao grupo, a significação simbólica também é marcante pelo fato de eles estarem lá para defender

o ideal de honra da nação, palavra recorrente nos quatro livros.

Podemos construir toda a carga identitária desse grupo partindo do livro *Missão de Guerra*, que já nos traz, mesmo que de modo um tanto quanto panorâmico, a unicidade de todo o grupo. *Missão 60* se apoia no que já foi apresentado por *Perdição*, com os seus acréscimos em primeira pessoa. Rui Moreira Lima inicia o projeto de *Senta a Pua!* com a função de trazer ao público de forma mais aprofundada a atuação da FAB na Itália com o pedido de que seus amigos relatem suas histórias a ele. E ainda assim temos a presença dos livros de *Perdição* e *Mocellin*. O livro de Torres é o que mais se diferencia dos outros três devido à construção de seus capítulos, mas que retoma o pedido feito a ele por Moreira Lima para que ele escrevesse suas histórias do período do 1ºGAvCa.

Temos o local social e a perpetuação de fatos que nós, leitores, não vivenciamos. Sua história é contada por meio de seus testemunhos, que nos sensibilizam para com as suas histórias, algo que talvez um documento oficial não trouxesse aos nossos olhares como leitores-espectadores.

O testemunho

Ricoeur considera o testemunho como uma grande possibilidade de novos caminhos nas operações historiográficas.

Com o testemunho, inaugura-se um processo epistemológico que parte da memória declarada, passa pelo arquivo

e pelos documentos e termina na prova documental.⁷

Contudo ele precisa ser analisado de forma crítica para que possa ser considerado confiável. Para isso, Ricoeur elenca seis operações para uma avaliação crítica dos fatos narrados. Primeiramente, separar em duas vertentes; a primeira seria a realidade do acontecimento relatado e a segunda, a autenticidade da declaração de seu autor, chamada de confiabilidade presumida.⁸

O segundo ponto é o modo como o autor do testemunho atesta a sua participação. O envolvimento passa a ser comprovado por meio da construção semântica constituída pela afirmação de “eu estava lá”, e ela se autoafirma como testemunha. A realidade do acontecimento se mistura com a presença do narrador, e “esses tipos de asserções ligam o testemunho pontual a toda a história de uma vida”.⁹

O terceiro e o quarto pontos são a autenticação e a aceitação daquele testemunho. Isso ocorre quando a testemunha e seu relato são atestados pelos membros de sua comunidade. O relato passa a ser questionado e confrontado, a dúvida sobre a veracidade dos acontecimentos do testemunho é o elemento que criará a confiança de autenticidade e a moralidade do testemunho. Esses dois pontos são críticos, pois, caso não seja atestada a veracidade do testemunho, a palavra de quem o relatou perde a sua credibilidade e confiança para com o seu núcleo social.

O quinto ponto é a confiabilidade

do relato da testemunha e a capacidade de manter o testemunho no tempo, na ideia de manutenção de sua palavra. Deste modo “o testemunho vem assim unir-se à promessa em meio aos atos de discurso”.¹⁰

O sexto e último ponto é a ideia de segurança da testemunha e de seu testemunho para com o seu vínculo social, que por sua vez pode tornar o testemunho como uma instituição natural, que irá distinguir uma narrativa de uma conversação comum para uma narrativa construída por meio de procedimentos técnicos, tais como os processuais. Ricoeur reitera que a instituição dá estabilidade ao testemunho para que o vínculo social tenha mais segurança para com o que foi dito, pois se passa a acreditar na palavra de outro.

O testemunho passa a ter a confiabilidade que um documento escrito possui, permitindo aos pesquisadores uma análise crítica de toda a sua construção e validade como prova documental de um determinado acontecimento. Os livros anteriormente descritos podem sim passar pelos seis pontos elencados para se analisarem os testemunhos e considerá-los verídicos e elementos fundamentais para a construção de uma memória coletiva firmada pelo vínculo social e na confiança pela palavra do outro.

Primeiramente, temos a confirmação da realidade dos fatos contados por meio de documentação oficial da ida de pilotos brasileiros à Itália durante a Segunda Guerra Mundial pela FAB, e as declarações dos autores dos livros são autênticas ao buscarem apoio em seus colegas e na

Instituição que é a FAB.

Os livros são organizados de forma a atestar a participação dos autores e de seus colegas de farda na guerra, a construção fraseológica é permeada por verbos em primeira e terceira pessoa do singular e do plural, sendo o pronome “nós” utilizado em larga escala. A realidade dos acontecimentos apresenta elementos intrínsecos à vida do narrador e de terceiros, e são esses terceiros que podem atestar seu testemunho.

Os testemunhos presentes nos livros são considerados autênticos já que se apoiam um no outro para construir uma lembrança única da história do 1ºGAvCa. A autenticidade é validada pelo meio social dos autores, ou seja, por outros pilotos da FAB que foram para a guerra, corroborando para a credibilidade e confiança desses testemunhos e de sua permanência no tempo, permitindo uma análise documental por outro ângulo deste momento histórico.

A confiança na palavra de outrem reforça não somente a interdependência, mas a similitude em humanidade dos membros da comunidade. O intercâmbio das confianças especifica o vínculo entre seres semelhantes.¹¹

Por fim, temos uma coletânea de testemunhos que constroem a memória de um coletivo, a instituição da memória passa a ser estabelecida com a criação de um local comum: o fato de serem membros do 1ºGAvCa, de participarem da guerra na Europa e de lutarem pelo ideal de seu país.

Esses testemunhos são memórias e

são constituídos de lugares, criados pela necessidade de manter a sua história de modo material, simbólico e funcional. Os lugares dessas memórias não estão presentes fisicamente, somente os atingimos ao lermos os livros, assim temos um Lugar de Memória,¹² um espaço onde a memória se fixa e serve como uma nova forma de aprender uma memória que não nos é natural, e sua representação nos serve como fonte histórica.

Os livros se tornam um elemento da construção de um espaço cheio de simbolismos; surgiram da necessidade de manutenção de sua própria história, como também a de difundir as experiências vividas para com as próximas gerações. É um momento de nossa história nacional, que não pode ser esquecida, e para isso se faz necessária a coletividade das memórias.

O historiador francês Pierre Nora analisa os lugares de memória como um lugar duplo,

um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade, e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações.¹³

A história contada do 1ºGAvCa se fecha sobre si mesma na tentativa de manter a sua identidade, mas também se abre para as novas significações de seu legado.

Os livros como lugares de memória podem ser considerados como Documento-Monumento, eles são produtos de um grupo social que os criou e pertencem a

ele, são as escolhas de um passado a ser lembrado.

Conclusão


Esses livros foram escritos com a finalidade de manter e perpetuar as histórias do grupo de pilotos do 1ºGAvCa e da própria FAB, foi um modo de evitar que todo esse conhecimento e experiência fosse esquecido. Porém, ao procurarmos os livros nos dias de hoje encontramos dificuldades, não os achamos em sites de livrarias como na Cultura, Fnac ou Saraiva, já que nenhum dos quatro livros está disponível e sem previsão de estar novamente nos estoques da loja. No caso da Amazon, o site redireciona para outros sites de vendas de livros que possuem o produto pesquisado, mesmo assim somente um dos livros estaria disponível para aquisição.

Deste modo, partimos para as buscas nos sebos e encontramos valores exorbitantes, o que passa a dificultar ainda mais a compra dessas obras pelo leitor comum. Senta a Pua!, de Rui Moreira Lima, passou por uma 4ª edição em 2011, e em 2018 o encontramos com um preço em média de 60 a 70 reais, sem acrescentar o valor do frete, mas também o encontramos pelo valor de até R\$ 170,00.

A proposta inicial dos livros e seus autores era a de se aproximarem de um público que não teve conhecimento direto dos acontecimentos da guerra, de como atuaram nas operações, com a finalidade de deixar as suas experiências de vida na guerra como um marco, para que a humanidade não cometa os mesmos erros do

passado. Contudo, está ocorrendo um distanciamento dessa proposta inicial e corremos o risco de nos esquecermos das memórias desses pilotos devido à falta de novas edições acessíveis ao público adulto e infantil.

Por meio da obra *Esta é uma historinha que conta como vovô virou avestruz* (2001), do Cap Av Fortunato Camara de Oliveira,¹⁴ dispomos da possibilidade de atrair um público jovem que busca se identificar com os heróis presentes no livro, e a linguagem mais simples facilita para as crianças a compreensão da ideia central da obra.

Temos, com o livro de Fortunato, uma possibilidade de continuarmos com a proposta inicial da manutenção dessas memórias, atraindo a atenção de um público jovem que tenha futuramente um interesse em se aprofundar nas memórias desse grupo de pilotos brasileiros que foram para a guerra. Entretanto, de nada adianta atrair esse público se os livros não estiverem em um formato atualizado e digital, caso contrário eles estarão fadados ao esquecimento restando a nós, pesquisadores, a função resgatá-los. 

Referências

DOSSE, François. **Renascimento do acontecimento**: um desafio para o historiador: entre Esfinge e Fênix. Tradução: Constanca Morel. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

HUNT, Peter. **Crítica, Teoria e Literatura infantil**. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosacnaify, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013. (7ª edição revista).

LIMA, Rui Moreira. **Senta a Pua!** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1985.

MOCELLIN, Fernando Pereyron. **Missão 60**. Memórias de um piloto de guerra brasileiro. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1971.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**. A problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. In: Projeto História, São Paulo, v.10, Jul-Dez, 1993, pp. 07-28. Disponível em: <revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acessado em: 07/05/2018.

OLIVEIRA, Fortunato Camara. **Esta é uma historinha que conta como vovô virou avestruz**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2001.

PERDIGÃO, Luiz Fernando. **Missão de Guerra**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1956.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SENTANDO A PUA. **Ficha Biográfica**. Alberto Martins Torres, s.d. Disponível em: <www.sentandoapua.com.br/portal3/content/view/Alberto%20Martins%20Torres/63/>. Acessado em: 11/05/2018.

_____. **Ficha Biográfica.** Fernando Pereyron Mocellin, s.d. Disponível em: <www.sentandoapua.com.br/portal3/content/view/Fernando%20Pereyron%20Mocellin/63/>. Acessado em: 11/05/2018.

_____. **Ficha Biográfica.** Luiz Felipe Perdigão da Fonseca, s.d. Disponível em: <www.sentandoapua.com.br/portal3/content/view/Luiz%20Felipe%20Perdig%C3%A3o%20da%20Fonseca/63/>. Acessado em: 11/05/2018.

_____. **Ficha Biográfica.** Rui Barbosa Moreira Lima, s.d. Disponível em: <www.sentandoapua.com.br/portal3/content/view/Rui%20Barbosa%20Moreira%20Lima/63/> Acessado em: 11/05/2018.

TORRES, Alberto Martins. **Overnight Tapachula.** Rio de Janeiro: Revista Aeronáutica, 1985.

N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.

¹ RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Tradução: Alain François. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, pp.175.

² A fase Heroica é um período um pouco antes da Segunda Guerra Mundial, em consequência do desbravamento do ar por meio de uma máquina mais pesada que o ar, durante a qual tantos morreram para que fosse possível desenvolver e aperfeiçoar a arte de voar. A fase seguinte é a fase Romântica, entre os anos 1930 e 1950, um período no qual ser piloto é muito mais caracterizado pelo amor ao ato de voar, já que as condições ainda não eram tão melhores quanto as da fase Heroica, e que, em consequência da Segunda Guerra, terminou por fundar o sentimento de amor, rancor e respeito ao piloto da frente inimiga. A última fase pós-Segunda Guerra é a Profissional, ou seja, o ato de voar não pertence somente aos desbravadores e nem aos momentos de conflitos entre os homens; a guerra acelerou o processo da profissionalização do piloto militar e civil, havendo a ampliação desse setor, no qual há necessidade de se padronizar o uso dos os espaços aéreos.

³ TORRES, Alberto Martins. Overnight Tapachula. Rio de Janeiro, Revista Aeronáutica, 1985, pp.16.

⁴ RICOEUR, Paul. Op cit, 2007, pp.120.

⁵ Ibidem, pp.122-123.

⁶ Ibidem, pp.131.

⁷ Ibidem, pp.170.

⁸ Ibidem, pp.172.

⁹ Ibidem, pp.173.

¹⁰ Ibidem, pp.174.

¹¹ Ibidem, pp.175.

¹² NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. In: Projeto História, São Paulo, v.10, pp 07-28, Jul-Dez, 1993, pp 13.

¹³ NORA, Pierre. Op cit, 1993, pp 27.

¹⁴ Fortunato Camara de Oliveira foi piloto do 1ºGAvCa e atuou como Cap Av da Esquadilha Azul; foi também o criador do emblema de avestruz do “Senta a Pua!”.